



EIXO: 3. Trabalho, Mobilidade e Relação Campo-Cidade

**A FEIRA LIVRE NA RELAÇÃO CAMPO-CIDADE E A PRODUÇÃO DO
ESPAÇO: UMA ANÁLISE SOBRE O PROCESSO DE OCUPAÇÃO DO
MUNICÍPIO DE FEIRA DE SANTANA - BAHIA**

OLIVEIRA, Ramile de Jesus¹

¹ Estudante do bacharelado em Geografia, Departamento de Ciência Humanas e Filosofia (UEFS), ra.mile@hotmail.com

ANTÓN, Rafael Reis Bacelar²

² Prof. Ms^o da Faculdade Regional da Bahia (UNIRB), rafael.rbanton@hotmail.com

RESUMO

O presente artigo aborda a feira livre na produção do espaço urbano e na mediação da relação campo-cidade, tomando como perspectiva a importância da Feira livre para a produção do espaço e como recorte espacial o município de Feira de Santana no estado da Bahia. Verifica-se que historicamente a feira livre foi uma das principais formas para a ocupação, expansão territorial e desenvolvimento de diversas cidades brasileiras, entre estas o desenvolvimento da cidade de Feira de Santana, que teve sua ocupação territorial ligada às feiras livres de gado e produtos agrícolas, constituindo-se a principal forma de mediação da relação campo-cidade, que autores como Lima (2013, p. 2) destacam como o lugar e a origem da produção e a cidade enquanto local para a distribuição, circulação e consumo dos produtos produzidos. Entretanto, na atual fase do sistema capitalista e de seu processo de globalização, a intensa reprodução do capital tem causado transformações expressivas ao espaço do campo brasileiro, na relação campo-cidade, nos modos e nas relações de produção, transformações estas que foram implementadas, sobretudo pela atuação do Estado, visando a adequação aos ideais de modernização e a reestruturação urbana da cidade. Baseado em tais ideais, o Estado tem atuado maciçamente na organização espacial e no reordenamento territorial do município atingindo a dinâmica das feiras livres e a sua reorganização, por um lado promovendo melhorias estruturais nos fixos e fluxos da produção e por outro retirando as particularidades mais simples e tradicionais da feira livre no município.

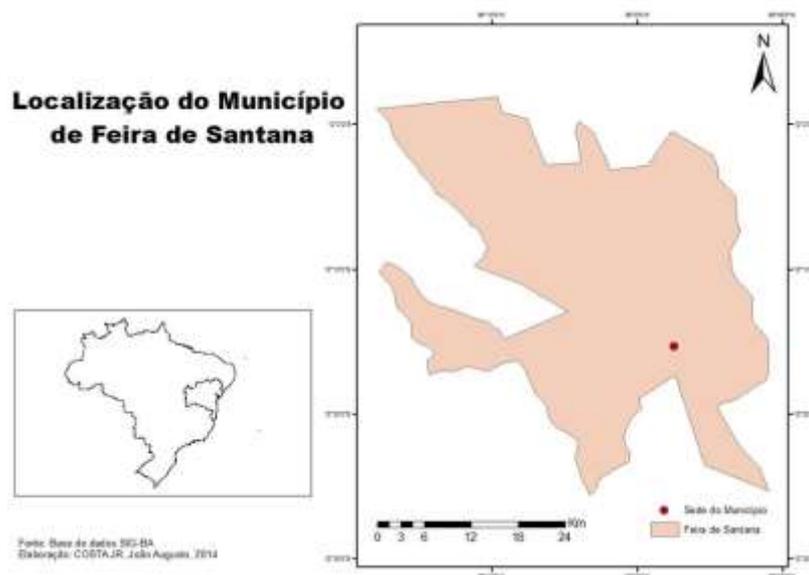
Palavras-chave: Feira livre; Campo-cidade; Urbano-rural.

INTRODUÇÃO

O município de Feira de Santana localiza-se no interior do estado da Bahia, a uma distância de aproximadamente 108 quilômetros da capital estadual Salvador. De acordo com os dados do último censo demográfico (IBGE, 2010), sua população é de

556.642 habitantes, sendo 263.999 homens e 292.643 mulheres, com uma população estimada para 2014 de 617.528 habitantes.

Figura 1: Mapa de localização do município de Feira de Santana



Fonte: Base de dados, SIG-BA.

As discussões sobre cidade e campo não são recentes. Já no início do século XX, a Sociologia tinha interesse em discutir e delimitar a temática. O tema é recorrente nas ciências humanas, em especial na Geografia, que considera os diversos fatores (históricos, culturais e simbólicos) na delimitação de espaços rurais e urbanos. Entretanto, ainda persistem dicotomias entre os dois espaços, dadas as transformações socioespaciais, técnicas e econômicas pelas quais o campo e a cidade tem vivenciado no atual contexto de globalização, por isso definir e delimitar os conceitos tais conceitos bastante utilizados nas análises Geográficas, como campo e cidade tem se tornado tarefa cada vez mais complexa

Considera-se, neste artigo, a feira-livre como um elemento capaz de articular campo e cidade em uma mesma lógica de produção espacial, contribuindo para a circulação da economia em ambos os espaços, e sendo uma manifestação simultânea de ruralidades e urbanidades.

Desde o período da colonização brasileira, as feiras livres tiveram papel importante na expansão e ocupação do território brasileiro, inúmeras cidades se

desenvolveram no entorno das feiras livres, local onde produtores oriundos do campo, da cidade e de regiões vizinhas se encontravam para expor, comercializar ou trocar seus produtos.

Dentre tantas presentes em todo o país, este artigo destaca as principais feiras livres do município de Feira de Santana no Estado na Bahia, sendo seu objetivo central: Analisar a feira livre e a relação campo-cidade no processo de ocupação de Feira de Santana – Bahia, para isso elencou-se como objetivos específicos: Descrever a história da feira livre e o processo de ocupação de Feira de Santana-Bahia; avaliar a feira livre na relação campo-cidade e verificar a importância da feira livre na produção do espaço urbano de Feira de Santana – Bahia.

As feiras contribuíram tanto para a ocupação territorial desse município como se constituem na mediação da relação campo-cidade, Lima evidencia uma relação recíproca entre ambos, como sendo o local da produção e da distribuição (2013, p. 2).

Este trabalho teve como suporte a pesquisa bibliográfica e documental, como dissertações, livros, artigos e demais produções científicas que tratam da temática e da área de análise. Para isso o texto encontra-se estruturado da seguinte forma: Introdução; Resultados, Considerações finais e as Referências bibliográficas.

2. RESULTADOS

2.1 A FEIRA LIVRE NA PRODUÇÃO E/OU REPRODUÇÃO DO ESPAÇO: ALGUMAS REFLEXÕES ACERCA DA FEIRA LIVRE NO MUNICÍPIO DE FEIRA DE SANTANA

A feira livre é uma das mais antigas e tradicionais formas de comércio e exposição de produtos, é um espaço com diferentes interações entre os sujeitos em suas diversas formas de se relacionar com a produção. Tais sujeitos podem ser: comerciantes, fornecedores e consumidores oriundos de várias localidades, municípios e estados, com o objetivo de vender e/ou comprar, o que gera uma heterogeneidade quanto ao perfil dos indivíduos circulantes por uma feira.

Estes espaços se caracterizam pelas trocas de mercadorias e saberes produtivos, compartilhados por diferentes pessoas que nela circulam com o objetivo de suprir as necessidades básicas. Com a decadência do sistema feudal, essa forma de comércio ganha destaque graças ao desenvolvimento da atividade agrária, que logo se torna uma

fonte de renda, se expande e gera importância econômica. A feira livre contribuiu principalmente para a implantação da moeda, pois com o surgimento das cidades e com a reprodução do capitalismo, o excedente produzido pelos servos nos feudos passa a ser comercializado em locais públicos e estratégicos, a concentração de pessoas nesses locais deu origem as feiras livres.

Sendo responsável pela produção do espaço, algumas feiras representam uma imagem simbólica da relação entre campo e cidade, ou seja, entre o espaço da produção e o espaço do consumo. Para além das trocas comerciais, nas feiras as pessoas costumam se encontrar para conversar e compartilhar saberes e diversas informações. Dessa forma, ela não se reduz apenas às relações econômicas, se tornando um verdadeiro ponto de encontro e troca de informações, bem como socialização de histórias e experiências de vida.

Em Feira de Santana, tais manifestações simbólicas se expressam fortemente, revelando os estreitos vínculos entre esta cidade e as feiras. Dentro da lógica da expansão do modo capitalista de produção, pode-se depreender que este município surge a partir de uma feira livre:

Os atos de comprar, negociar, vender, trocar dão origem ao processo de produção do espaço urbano de Feira de Santana, que surgiu de uma feira especializada na comercialização de gado e, mais tarde de gêneros alimentícios. Nesse contexto, a feira livre criou espaços e mentalidades mercantis singulares, atrelados às relações formais e informais encontradas na cidade. (SANTOS, 2013, p. 31)

Dessa forma, não se pode pensar o município de Feira de Santana sem o espaço da feira livre e do comércio como agentes espaciais de produção e organização urbana e que teve grande importância para o povoamento da área. O comércio informal é uma das características iniciais da apropriação de um território.

Durante muito tempo, a feira livre acontecia no centro da cidade de Feira de Santana, porém foi reorganizada em locais específicos para comercialização de produtos agropecuários. Após essa reorganização, uma das maiores feiras é a do Centro de abastecimento (considerada a principal Feira livre da cidade de Feira de Santana). A reorganização dos locais das feiras é fruto de políticas de intervenções do Estado na reorganização espacial da cidade, demonstrando assim uma mudança na forma como se estabelece a divisão social e territorial do trabalho.

Sendo assim, percebe-se que a feira livre não somente é uma das formas de mediação da relação campo-cidade, como também um modo de produção que se mantém com algumas de suas características mais simples e tradicionais resistindo à lógica da expansão do capital, este tende a padronizar os modos de produção, desfazendo de suas particularidades mais profundas.

As feiras permitem o abastecimento local e também dos municípios circunvizinhos, expandindo assim o capital no processo de circulação dos produtos agropecuários, bem como dos produtos produzidos na cidade, pois a circulação de mercadorias e pessoas representam os agentes de reprodução do capital materializado no espaço, através dos fluxos para as relações e mobilidade dos fluxos.

Atualmente, outras três feiras livres se destacam no município de Feira de Santana ao favorecer o desenvolvimento da economia local e transformando significativamente a dinâmica espacial, são elas: as Feiras da Estação nova, da Cidade Nova e do Tomba. Estas feiras ganharam importância econômica na cidade, suas localizações redefinem e impulsionam a dinâmica socioespacial e a divisão territorial ganha força no que diz respeito à apropriação do espaço, escrevendo assim cotidianamente relações produtivas e comerciais conflituosas.

De um lado modos e características tradicionais das feiras livres que resistem às transformações socioeconômicas e de outro as constantes necessidades impostas pelo sistema capitalista, mesmo que tradição e modernização coexistam conflituosamente, há uma distinção entre campo e cidade, ao percebermos a diferença de sua função espacial, ao mesmo tempo em que evidencia-se uma relação de reciprocidade, o campo que abastece a cidade com alimentos e produtos e a cidade que abastece o campo com tecnologias e investimentos na produção.

2.2 A PRODUÇÃO DO ESPAÇO E A FEIRA LIVRE NA MEDIAÇÃO DA RELAÇÃO CAMPO-CIDADE

O espaço é história, a história de sua ocupação, produção e reprodução ao longo do tempo, e historicamente o processo de ocupação e reprodução do homem no espaço se deu de forma desigual e dinâmica, pois o homem sempre buscou condições propícias para a sua instalação e adaptação, seja pela oferta e proximidade dos recursos ou seja pela facilidade na mobilidade espacial.

Desde o período paleolítico a primeira relação do homem com o espaço se deu através do significado que este lhe conferia, tanto para a fixação ou como local de encontro, mas é no período neolítico que se constata as primeiras condições para o surgimento das cidades, pois este período é marcado pela fixação de aglomerações humanas. Para Sposito (1988, p.8), é a partir do estabelecimento das primeiras relações sociais de trabalho representadas pelo desenvolvimento da agricultura e da criação de animais que se concretiza o surgimento da cidade.

Sposito (1988) não relaciona o surgimento da cidade diretamente ao modo de produção capitalista, mas ao território da gestão, ou seja, à forma de apropriação e consumo do espaço. Definir a cidade vai muito além da ideia de concentração ou aglomeração humana e material, significa pensá-la sempre como resultado inacabado e dinâmico, que muda de acordo com os interesses e valores individuais e coletivos da sociedade.

A cidade, enquanto construção humana, é um produto histórico-social e nesta dimensão aparece como trabalho materializado, acumulado ao longo do processo histórico de uma série de gerações. Expressão e significação da vida humana, obra e produto, processo histórico cumulativo, a cidade contém e revela ações passadas, ao mesmo tempo em que o futuro, que se constrói nas tramas do presente – o que nos coloca diante da impossibilidade de pensar a cidade separada da sociedade e do momento histórico analisado. (CARLOS, 1992, p.11)

Segundo Carlos (1992), há aqueles que pensam a cidade a partir do atual modo de produção, nesse caso, o modo de produção capitalista, a cidade enquanto lugar onde se localiza a mão de obra, os meios de produção, as indústrias e sendo assim, o centro de gestão das decisões que orientam o desenvolvimento do próprio modo de produção e estabelece a divisão territorial do trabalho.

Para Henri Lefebvre (1999), a cidade e o campo são vistos como espaço, sendo que rural e urbano é o conteúdo das suas formas espaciais. Na sociedade, os modos de vida e os aspectos socioculturais tendem a separar a cidade do campo. Enquanto na cidade predomina a concentração de pessoas, capital, serviços e infraestrutura, no campo há uma menor concentração de pessoas e principalmente de infraestrutura, há diferentes características no que diz respeito ao cotidiano e as relações de produção.

Carlos (2007) constata que há uma rede de fluxos que interliga os lugares, pois pelo efeito da globalização o capital é mundial e o progresso tecnológico facilita a sua mobilidade espacial, nessa perspectiva diferenciar campo e cidade, urbano e rural tem

sido cada vez mais desafiante do ponto de vista teórico e prático, há uma tendência de homogeneização dos espaços com o processo de globalização, portanto, há quem pense que hoje o rural pode estar fadado a inexistir, pois se antes o rural era percebido como espaço atrasado, isolado ou mesmo rústico, hoje a facilidade na mobilidade espacial faz com que haja uma cada vez maior e mais intensa presença do capital e das tecnologias no campo, desconstruindo essa percepção.

Inicialmente, a produção de subsistência era o fundamental para a vida e isso estava associado à terra, já que é nela que se planta e colhe o necessário, o alimento, e o campo era o espaço para essa produção, porém no decorrer da história foi sendo transformado para atender a lógica do capitalismo, ou seja, a cidade se consolidou a partir do entendimento do campo como local de atraso e a delimitação entre campo e cidade era bem marcada, podemos perceber que isso começa já no final do feudalismo.

Segundo Hobsbawm (2000), relacionar o campo e seu modo de vida rural ao atraso foi uma forma de construir uma ideologia que solidificasse o novo modo de vida: o das cidades (urbano). A ruralidade seria substituída pela urbanidade. A urbanização expandiria as condições do novo modo de produção, possibilitando a ideia de “civilidade” a todos, justificando assim o desmatamento, a expropriação, a expulsão dos camponeses e a apropriação da natureza, aliado a isso, a ideia de progresso das cidades impulsionou as migrações, causando a saída das pessoas do campo e aumentando a mão de obra nos centros urbanos.

Com a revolução industrial, muitas e intensas foram as transformações ocorridas no modo de produção capitalista, nas relações de produção, na economia, na política e na cultura, os avanços tecnológicos nas máquinas e nos transportes, trouxeram novas ressignificações, novos valores e conseqüentemente a eliminação das barreiras espaço-temporais. Todo o discurso sobre o modo de vida específico, sobre o isolamento rural precisa acompanhar tais mudanças, pois mudou-se a mobilidade e a acessibilidade do e no espaço, assim como a espacialização dos serviços, informação e da infraestrutura presentes.

O Campo e a cidade, o urbano e o rural, mesmo sendo considerados espaços antagônicos, tem uma relação estreita por muito tempo desvalorizada. O campo produz e abastece a cidade no que se refere aos bens alimentícios e a cidade consome a produção e oferece máquinas e ferramentas para o trabalho do campo. Não se pode pensar o espaço sem as suas formas de apropriação e que este é produzido atendendo ao contexto do modo de produção, isso inclui a consolidação das ideologias

predominantes, os valores e as Instituições sociais que legitimam o uso e ocupação do espaço.

2.3 A REORGANIZAÇÃO DAS FEIRAS LIVRES E A PRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO NO MUNICÍPIO DE FEIRA DE SANTANA – BAHIA

A feira livre, ao promover novas formas de produção espacial em Feira de Santana, indica a prevalência de uma lógica capitalista. A partir do ano de 1970, com base nas novas políticas nacionais de ordenamento e controle do espaço público, intervenções estatais transformaram o espaço urbano, de modo que as feiras livres antes informais foram relocadas em espaços exclusivos para o comércio de produtos agropecuários, alimentícios, roupas, calçados e etc.

Tomando-se como base os ideais de modernização, ordem e do progresso das cidades, Feira de Santana passa a ter novos contornos urbanos principalmente com a chegada das indústrias. Na busca pela modernização da cidade, o Estado passou a intervir cada vez mais na organização territorial e na dinâmica urbana a fim de se adequar às novas concepções de modernidade e a lógica do capital, o que podemos constatar com a mudança de local de algumas feiras, como por exemplo a feira mais antiga antes localizada do centro da cidade foi transferida para um novo local, conhecido por Centro de abastecimento (Figura 2) e a reforma e reestruturação da feira do bairro Cidade Nova (Figura 3).

Figura 2: Vista externa da feira livre do Centro de Abastecimento



Fonte: OLIVEIRA, 2016

Figura 3: Vista interna da feira do bairro Cidade Nova



Fonte: OLIVEIRA, 2016

As imagens tratam-se de exemplos de feiras da cidade que foram relocadas e onde houve melhorias de infraestrutura, o que pode-se considerar como uma forma de homogeneização do comércio, antes informal e considerado pouco higiênico das feiras livres.

Foram reestruturações que alteraram a dinâmica comercial destas feiras, mas que proporcionaram transformações expressivas na dinâmica urbana e territorial dos fluxos, mudanças que inicialmente implementadas para atender às mudanças na estrutura produtiva que se estabelece no campo e na cidade, principalmente com a introdução maciça do capital no campo, assim como para se adequar à divisão territorial do trabalho, desde à produção, à circulação e ao consumo no espaço, proporcionando transformações expressivas na paisagem urbana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As feiras livres foram e tem sido uma das principais formas de ocupação e expansão territorial no Brasil. Tal forma de praticar o comércio foi essencial para o desenvolvimento e crescimento econômico das cidades. O surgimento de locais para a circulação da produção favoreceu o estabelecimento de novas dinâmicas socioespaciais, logo a feira livre se consolidou enquanto local estratégico para a comercialização dos produtos oriundos do campo.

Desde sua origem a feira livre representa a realidade do município de Feira de Santana. As transformações ocorridas em sua organização vêm aumentando a

comercialização e atraindo cada vez mais produtores e consumidores que utilizam o local tanto para escoar como para comprar produtos. Portanto, compreender a feira livre hoje, inclui pensá-la na nova divisão territorial do trabalho e assim na lógica do capital, significa pensar também que a relação campo-cidade é recíproca e que ambos os espaços se transformam ao longo do tempo, para atender dinamicidades e contextos de produção diferentes.

Contudo, a feira tem perdido suas características mais particulares por conta das transformações sociais, culturais e econômicas, visto que a divisão do trabalho e o capital estão em constante reestruturação política e econômica, o que interfere diretamente em todos os espaços produtivos, principalmente no campo brasileiro. Em Feira de Santana, a feira não somente permitiu as condições para o surgimento da cidade, como para a sua expansão e dinâmica urbana, pois com o tempo suas feiras foram reorganizadas territorialmente com a implementação de políticas de reestruturação urbana.

Com o processo de globalização, são cada vez mais perceptíveis as intervenções e ações para reestruturação urbana nas cidades brasileiras, ações essas que promovem mudanças expressivas tanto na paisagem quanto na sua organização socioespacial. É válido salientar que a relação campo-cidade não é uma relação de oposição, mas de reciprocidade, o que torna complexo as discussões em torno destas formas de produção espacial. Após a revolução industrial e o advento das máquinas, uma série de perspectivas teóricas emergiram e muitos autores discutem atualmente a existência de um novo rural, sob a lógica da produção e reprodução capitalista, o que para nós a idéia de “novo rural” se deve em parte à essa perda de particularidades que o campo brasileiro vem passando com a introdução cada vez maior de maquinários e insumos em sua produção.

Entretanto, compreende-se a importância das feiras livres enquanto formas de resistência à essa modernização e principalmente para o povoamento e expansão das cidades em que se instalam, não se constituindo apenas como espaço econômico de comércio, mas como um local de encontros, de trocas de saberes e histórias, culturas e afetos entre os diversos sujeitos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARLOS, Ana Fani Alessandri. O lugar no/do mundo. São Paulo: FFLCH, 2007, 85p.

_____. A cidade. São Paulo: Contexto, 1992.

CORRÊA, Roberto. A geografia cultural e o urbano. In: ____ e ROSENDAHL, Z.(orgs.) *Introdução à geografia cultural*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

OLIVEIRA, Ramile de Jesus. Figura 02 Vista externa da feira livre do Centro de Abastecimento. Fonte: Trabalho de campo, 2017.

OLIVEIRA, Ramile de Jesus. Figura 03. Vista interna da feira do bairro Cidade Nova em Feira de Santana. Fonte: trabalho de campo, 2017.

HARVEY, David. A compressão do tempo-espaço e a condição pós-moderna. In:_____. A condição pós-moderna. São Paulo: Loyola, 1989. Cap. 17, p. 257-276.

HOBSBAWN, Eric J. A era das revoluções. São Paulo, Paz e Terra, 2000. 366p.

LEFEBVRE, Henri. A revolução urbana. Tradução de Sérgio Martins. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

LIMA, Eliany Dionizio. A relação campo-cidade em Feira de Santana, Bahia: a feira livre e a produção do espaço. UFS, 2013.

SANTOS, Milton. Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal. São Paulo : Record, 2014.

SANTOS, Claudio Ressurreição. Produção e repetição: uma reflexão a partir do espaço de comércio e consumo do shopping Center popular do Feiragui em feira de santana – BA. 2013

_____. Interações espaciais e as redes entre o comércio de Hortaliças do centro de abastecimento e os Supermercados da cidade de Feira de santana - Ba, 2009.

SPOSITO, Maria Encarnação B. Capitalismo e urbanização. São Paulo : Contexto, 1988.